

2. Vindos para estar com Ele

Quando Jesus olha com compaixão para as multidões porque são como ovelhas perdidas sem pastor (cf. Mt 9,36), é precisamente na desorientação do coração humano que pensa. Vê que os corações não conhecem a direção do seu desejo, não sabem mais o que querem, não são mais conscientes daquilo que desejam verdadeiramente. Como crianças dizem: “Quero, quero, quero...!”, mas não sabem quem querem realmente.

Jesus sabe muito bem que todos os corações o desejam, são feitos para encontrá-Lo e para estar com Ele. Mas como ajudar a multidão imensa da humanidade a alcançá-Lo, a acolher n'Ele a alegria plena do coração? Ele não coloca barreiras entre o coração do homem e a sua presença. Grita a todos: “Vinde a mim, vós todos que estais cansados e oprimidos, e eu vos darei descanso!” (Mt 11,28).

Que mistério! Toda a multidão estava ali no deserto seguindo Jesus, sedenta da sua palavra, dos seus milagres, mas Jesus vê no desejo de toda aquela gente como uma última dissociação entre aquilo que Ele doava e Ele mesmo que se doava. Nisto via que eram como ovelhas perdidas sem pastor. Por isso, pede que se reze ao Pai para mandar trabalhadores para a messe madura, porque todos estavam ali pelos dons de Jesus, mas não ainda para estar com Ele, para encontrar n'Ele o Pão da vida que sacia verdadeiramente o coração feito para Deus.

“*VOLO TECUM* – Quero estar contigo”. No fundo, é esta a resposta mais verdadeira, mais simples, mais universal que cada um de nós deveria dar à pergunta: “*Ad quid venisti?* – A que vieste?”. O próprio Cristo é o escopo essencial da nossa vocação, de toda vocação cristã, da vocação de cada batizado; mas, para a vocação monástica, é o escopo exclusivo, ao qual subordinar tudo, pelo qual renunciar a tudo. São Bento é claríssimo sobre isto; de fato, no fim da Regra, no final do capítulo 72, no qual resume os pontos essenciais da vida dos monges, exclama, com voz forte e clara: “Nada absolutamente antepõemham a Cristo!” (RB 72,11). Não se trata de nada antepor a uma ideia, a um ideal, a uma doutrina, mas a uma Presença com a qual estar, com a qual viver tudo. Porque, acrescenta logo em seguida Bento, é precisamente a presença de Jesus e a comunhão com Ele que “nos conduz todos juntos para a vida eterna” (cf. RB 72,12). Estar com Jesus quer dizer, de fato, estar com Aquele que é “o caminho, a verdade e a vida” da nossa vida (cf. Jo 14,6).

“*VOLO TECUM* – Quero estar contigo”. Esta é a expressão mais simples e pura do desejo do nosso coração. É a razão mais verdadeira e simples pela qual cada um de nós vem ao mosteiro ou segue Jesus em qualquer outra forma de vida cristã. Há quem seja chamado a estar com Jesus seguindo-o na vida matrimonial, no mundo do trabalho; há quem seja chamado a estar com Jesus no sacerdócio ministerial, na vida missionária; há quem seja chamado a estar com Jesus sem uma forma vocacional particular, mas talvez aceitando uma forma de solidão ou uma vida difícil e penosa, por exemplo, na doença. Visitando os encarcerados, encontrei pessoas para as quais a pena de prisão se revelou ocasião de encontro e de comunhão com Jesus vividos com uma intensidade que constitui um forte apelo também para nós, monges e monjas.

Esta pureza de intenção ao responder à pergunta “A que vieste?” não é tanto uma questão de virtude adquirida, mas de verdade no viver a própria humanidade. Explico-me. Entrar no mosteiro ou seguir e servir o Senhor em outras formas de vida consagrada, no sacerdócio ministerial ou na vida familiar, pela simples razão de querer estar com Jesus, não requer uma capacidade extraordinária, uma particular maturidade espiritual, mas que se consinta à própria vocação escutando a exigência profunda do nosso coração. Jesus, antes de nos chamar a uma particular forma de vocação e missão, chama-nos a estar com Ele para responder à sede do nosso coração feito para Ele, feito para estar sempre com Ele. Com efeito, quando descreve o chamamento dos apóstolos, São Marcos diz: “Designou doze dentre eles – que chamou apóstolos – *para que estivessem com Ele* e para os enviar a pregar, com o poder de expulsar os demônios” (Mc 3,14-15). Antes de chamar para cumprir uma missão, Jesus chama para estar com Ele. A forma e a missão de uma vocação são apenas a consequência ou a irradiação da graça de poder estar com Jesus.

A autenticidade de uma vocação deve ser verificada neste ponto. É claro que muitas vezes seguimos um caminho porque nos sentimos atraídos pela forma de uma particular vocação, por aquilo que uma vocação nos permite viver, fazer, tornar-nos. Mas uma vocação é verdadeiramente autêntica se, mais cedo ou mais tarde, nos damos conta de que aquilo que verdadeiramente nos atraiu não foi a forma da vocação, que talvez nos possa ser tirada ou possa, com o tempo, tornar-se penosa e pouco atraente, mas a sua substância. E a substância é sempre estar com Jesus, a comunhão com Cristo.

Certamente, somos sempre tentados a apegar-nos às coisas superficiais para nos tranquilizarmos. Pensamos encontrar maior segurança nas coisas que controlamos do que abandonando-nos a uma relação pessoal na qual devemos levar em conta a liberdade do outro, além da nossa própria liberdade. Frequentemente, preferimos fundar a nossa vocação naquilo que fazemos por Cristo em vez de fundá-la sobre o próprio Cristo. É neste sentido que São Bento recomenda ao abade que não se preocupe demasiado com as “coisas transitórias, terrenas e caducas” em vez de se preocupar com a salvação das almas (cf. RB 2,33).

Não é sempre fácil manter a consciência de que o mosteiro é essencialmente a “casa de Deus” (RB 31, 19; 53, 22; 64, 5) e, portanto, o lugar onde estar com Ele, e não uma instituição que tenha outros fins que acabem por colocar a relação com o Senhor às margens do espaço e do tempo quotidianos.

É significativo que São Bento exija que, no oratório do mosteiro, não se faça ou se deposite nada que não seja consagrado exclusivamente ao culto de Deus, à oração, à comunhão com Ele, tanto comunitária como pessoal (cf. RB 52). A realidade temporal, ainda que legítima, como o trabalho, não deve ofuscar a nossa comunhão com Deus. Antes, é a comunhão com Deus que deve iluminar a realidade temporal.